

vista, aludiu a uma obra que lhe foi encomendada por portuguesas e que se estreou recentemente em Portugal, *A Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

O. M. — Trata-se, com efeito, de uma obra dedicada à transfiguração de Cristo. Como sabe, Cristo é simultaneamente Deus e homem. Tudo reside efectivamente nisto: é um Homem-Deus. Toda a sua vida humana, até mesmo a sua morte na cruz, foi um contínuo milagre, pois a sua divindade manteve-se sempre escondida. Há apenas um momento em que o milagre se ofusca — o da Transfiguração. Nesse instante, Cristo apareceu luminoso como um corpo branco, a divindade apoderou-se do homem, e os três apóstolos que nessa ocasião o acompanhavam foram testemunhas do facto. Pareceu-me ter-se esse momento revestido de uma valia e de um significado extremos, e por tal motivo dediquei-lhe a minha obra. O que há de mais extraordinário na Transfiguração é o facto da divindade finalmente revelada ou desvelada através da luz branca, ou seja através do conjunto de todas as cores. Estamos de novo no domínio da minha paixão pelas cores. O segundo aspecto do mistério de Cristo é aquele em que a voz do Pai irrompe das nuvens e proclama: «Este é o meu Filho bem amado», conceito que se aplica evidentemente ao Filho por excelência, mas também à filiação transcendente que é a do Verbo e a de Cristo simultaneamente. Isto aplica-se de igual modo a todos nós, porque todos somos filhos adoptivos, embora de reduzida estatura, e quer também significar que o vocábulo «transfiguração» encerra um duplo sentido, facto que me levou igualmente a focá-la. Na minha obra coexistem, portanto, o duplo aspecto da luz milagrosa que depois desaparece, o invisível que se revela e a dupla filiação, a eterna e a outra, a nossa. Tratei este assunto um pouco à maneira das paixões de Bach, isto é, ilustrando um texto do Evangelho cantado por um coro e apenas acompanhado por percussões metálicas, campainhas e tantãs. Uma vez terminado esse motivo, seguem-se alguns comentários, uns textos latinos escolhidos por mim, salmos, palavras de São Paulo ou extraídas dos próprios Evangelhos, do Apocalipse e de São Tomás, tudo seguido por um coro em que intervêm, além das vozes, todos os instrumentos, e com o qual termina a obra. A título de curiosidade, direi que, para além destes conjuntos musicais assaz volumosos e no propósito de exprimir o inefável, o invisível e o eterno, recorri a sete instrumentos muito heteróclitos: um piano, tocado por minha mulher, Ivonne Loriaud, um violoncelo, uma flauta, um clarinete e mais três instrumentos de percussão, tudo constituindo um septeto. Trata-se, pois, de uma obra que implica três matérias distintas e de tamanho díspar: a matéria humana, que é o coro, a grande matéria

constituída pela orquestra, e ainda outra, mais diminuta, instrumental, o septeto incluído no conjunto. Isto foi executado pela primeira vez em Lisboa, na enorme sala do Coliseu, perante nove mil pessoas, no mês de Junho de 1969. Seguidamente, a obra foi também estreada em França.

V. H. — Desta vez como reagiu a crítica?

O. M. — Em geral muito favoravelmente.

V. H. — Dante nunca o tentou?

O. M. — Admiro-o extraordinariamente. Eis aqui a edição da *Divina Comédia*, ilustrada por Gustavo Doré. Foi um poeta dotado de uma grande imaginação. Mas julgo que por vezes se equivocou do ponto de vista teológico. Trata-se de uma obra demasiado antropomorfizada. Tudo nela possui a medida do homem vivo. Sugere-nos dizer amiúde: esta alma sentou-se à minha beira, agarrou isto com as suas mãos ou pisou aquela rocha. Está a compreender-me? Isto parece absurdo e temos, pois, de interpretá-lo de outra maneira. É a própria linguagem que nos força a isso, e nos salmos fala-se também por vezes como fala Deus, de forma antropomórfica: Deus fez isto ou aquilo, ou manifestou-se desta ou daquela maneira, como se se tratasse de um ser humano. Deus é algo de espiritual que se situa fora do espaço e do tempo. Nós exprimimo-lo como sabemos e podemos, mas existe em Dante como que uma linguagem convencional, demasiado humana.

V. H. — Chamar-lhe-ia aristotélica.

O. M. — Exactamente. Tenho de admitir que Dante possui uma imaginação e uns conhecimentos excepcionais, mas as suas construções imaginativas não são satisfatórias do ponto de vista teológico. A autêntica fé é mais segura. A imaginação pode ser muito rica, mas a fé supera-a sempre.

V. H. — Kierkegaard classificava também a aproximação da verdade segundo uma hierarquia na qual o estético representava o primeiro escalão, seguido pelo moral e rematado pelo teológico. Poderíamos talvez concluir afirmando que o senhor vê uma relação mais directa entre música e fé do que entre poesia e fé, como possibilidade de exprimir essencialmente determinadas coisas.

O. M. — É possível que assim seja, pois a palavra (a poesia) é forçada a acentuar o porquê e o como de um mistério, ao passo que a música é menos directa e pode portanto descer mais ao fundo da essência das coisas. Tenho pensado muito nisso, ou seja, na história de uma linguagem comunicada pela música, e tentei inclusive concretizá-la. Quando estive em Persépolis, no Irão, onde me interessei pela história, pelos pássaros, pela paisagem e também pela